

6 CURRÍCULO ESCOLAR, GLOBALIZAÇÃO E IDENTIDADES: novos desafios e caminhos para o educador na contemporaneidade.

SCHOOL CURRICULUM , IDENTITY and GLOBALIZATION: challenges and pathways to the educator in contemporary times.

Simone Moura Andrioli de Castro Andrade¹

“Desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”.
(FREIRE, 2008, p.99).

RESUMO: Este artigo promove a reflexão sobre novos desafios e caminhos para um educador na contemporaneidade correlacionando o percurso do currículo escolar, globalização e formação de identidade no contexto escolar. Possibilita-se a compreensão de que as teorias curriculares são desenvolvidas pelas transformações do homem, no cenário político, econômico e cultural, assim como, os educadores participam do processo de formação de identidades dos alunos. Discute-se que a globalização, mesmo que seja uma ideologia, provoca mudanças e cria-se um ‘jogo de forças, tensões ou ‘batalhas’ para o educador em seu cotidiano, o que torna a educação conflituosa, entre o modelo existente e os novos paradigmas emergentes. Como um caminho para esses desafios, sugere-se um trabalho pautado na interdisciplinaridade permeada pelo autoconhecimento. Esse processo representa-se simbolicamente pelo ‘Cavalo de Tróia’, Esse processo representa-se simbolicamente pelo ‘Cavalo de Tróia’, pois é de acordo com a história narrada na obra ‘Ilíada’ de Homero, um dos principais símbolos da famosa guerra de Tróia, usado como estratégia pelos gregos para derrotar os troianos. O guerreiro grego Odisseu teria tido a ideia de construir um gigantesco cavalo oco e presentear os troianos, como um gesto simbólico de rendição da guerra. Os troianos aceitaram o ‘presente’ e levaram o cavalo para o interior das

¹ **SIMONE MOURA ANDRIOLI DE CASTRO ANDRADE:** Possui graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1990) e mestrado em Educação (Currículo) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2010). Atualmente é doutoranda em em Educação (Currículo) na área de Interdisciplinaridade, com orientação de Dra. Ivani Fazenda Catarina Arantes , pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2015), pesquisadora do Centro de difusão e estudos da Consciência, estudante dos grupos de pesquisa do Gepi e Interespe (PUC/SP). Psicólogo autônomo - consultório particular, orientadora profissional e professora convidada do Centro Universitário Ítalo Brasileiro. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicologia junguiana. <http://lattes.cnpq.br/0618029679833651> E-mail: simoneandrade@terra.com.br

muralhas de Tróia. Centenas de soldados gregos saíram de dentro do cavalo e atacaram a cidade. Assim, a metáfora contempla ao mesmo tempo, aspectos obscuros, inconscientes, elementos 'surpresas' e recursos criativos que podem ser revelados neste 'campo de lutas. Desta forma, a atitude interdisciplinar e o autoconhecimento poderiam facilitar a ampliação da consciência do educador no sentido da promoção de aprendizados facilitadores para a construção de sujeitos autônomos integrados com a sua natureza e essência.

PALAVRAS-CHAVE: Currículo escolar; Globalização; Identidades; Interdisciplinaridade.

ABSTRACT: This article raises reflection on new challenges and paths to an educator in contemporary times by correlating the curriculum course, globalization and identity formation in the school context. It allows the understanding that curricular theories are developed by the transformations of man, in the political, economic and cultural setting, as well as the educators participating in the process of forming students's identities. It discusses globalization, even if it is an ideology, provokes changes and creates 'forces', or 'battles' to the educator in their daily lives, bringing a conflictive educational field between the existing model and the new emerging paradigms. As a path to these challenges, it is suggested a work based on interdisciplinary permeated by self-knowledge. This process is represented symbolically by the 'Trojan horse' because according to the story told in the book 'the Iliad' by Homer, it is one of the main symbols of the famous Trojan war used as a strategy by the Greeks to defeat the Trojans. The Greek Warrior Odysseus had the idea of building a huge horse and gave it to the Trojans as a symbolic gesture of surrender. The Trojans accepted the 'gift' and led the horse into the walls of Troy. Hundreds of Greek soldiers left the horse and attacked the city. So, the metaphor includes at the same time, obscure, unconscious aspects, 'surprise' elements and creative features that can be revealed in this 'field of struggles' in the educational context. In this way, the interdisciplinary attitude and self-knowledge would facilitate the expansion of the teacher's consciousness towards the promotion of learning facilitators to bring out autonomous subjects integrated with their nature and essence.

KEYWORDS: curriculum; globalization; Identities; interdisciplinarity.

1 INTRODUÇÃO.

Ao refletir sobre o significado de currículo escolar no contexto educacional contemporâneo, coloco algumas questões introdutórias que me inquietaram enquanto educadora e psicóloga. Essas questões perpassam a dimensão epistemológica, ontológica e axiológica do ser e são as seguintes: que significa a palavra currículo? Qual é a origem da palavra? Qual é a sua história? Qual é a sua finalidade? Como é exercido em diferentes contextos?

Estes questionamentos provocaram-me novas indagações relacionadas ao percurso do currículo, globalização e formação de identidade. Por exemplo: quais são as influências do currículo frente à globalização nas identidades dos seus sujeitos no processo educacional? Quais são os novos desafios e caminhos para o educador na contemporaneidade? Qual é o papel do educador interdisciplinar na contemporaneidade?

Assim, nesse texto procuro tecer um caminho reflexivo sobre desafios e caminhos do educador nos dias atuais.

2 OS SIGNIFICADOS DE CURRÍCULO ESCOLAR E SEU PERCURSO.

Etimologicamente, o termo currículo deriva da palavra latina *curriculum*, cuja raiz é a mesma de *cursus* e *currere*. Esse termo traz duplo sentido: por um lado traz a ideia de percurso e por outro lado a ideia de carreira e curso, o que implica em conteúdo e plano de estudo. Desde a Idade Média, o currículo foi composto por uma classificação de disciplinas (*trivium* e *quadrivium*)². Ao mesmo tempo em que o currículo nasce de uma necessidade organizadora e unificadora de segmentos de conteúdo, traz a fronteira entre os saberes, o que evidencia um primeiro paradoxo na história da formação do currículo (HAMILTON,1992b). A fonte mais antiga de *curriculum* data de 1633 da Universidade de Glasgow. Segundo o autor (HAMILTON,1992b) existe uma conexão com protestantismo, calvinismo e *curriculum*. A eficiência da escolarização parece estar relacionada com esta conexão:

Assim, falar de um ‘curriculum pós-Reforma [Protestante] é apontar para uma entidade educacional que exhibe tanto globalidade estrutural quanto completude sequencial. Um ‘curriculum’ deveria também ser completado. Enquanto a duração, sequência e completude dos cursos medievais tinham sido relativamente abertos à negociação por parte dos estudantes (por exemplo, em Bolonha) e/ou a uso por parte do professor (por exemplo, em Paris), a emergência de ‘curriculum’ trouxe [...] um sentido maior de controle tanto ao ensino quanto à aprendizagem (HAMILTON, 1992b, p. 43).

O caráter histórico da escolarização nem sempre é evidente. É necessário entender o processo educacional em um âmbito mais amplo. Ainda segundo seus estudos (HAMILTON, 1992b), a escola medieval era “uma forma organizacional frouxa” que absorvia um grande número de estudantes. Não havia critérios avaliativos ou mesmo necessidade de controlar a presença do estudante. Os estudantes eram em número reduzido e os que pagavam eram submetidos à uma disciplina fraca, ou seja, não havia uma cobrança forte relacionadas às regras, diferente dos estudantes em situação economicamente

² Referem-se às disciplinas acadêmicas desempenhadas pelos homens livres. Trivium (lógica, gramática, retórica) e Quadrivium (aritmética, música, geometria e astronomia).

desfavorável. Aos poucos, essa 'anarquia', ou seja, essa falta de regras, foi substituída pela ordem (HAMILTON, 1992b).

A adoção dos termos *currículum* e classe foi o produto de um processo de reforma pedagógica. Em primeiro lugar, veio a introdução de divisões em classes e na sequência, o refinamento do conteúdo e métodos pedagógicos. O ensino e a aprendizagem tornaram-se abertos ao controle e havia uma correlação de evangelização através da escolarização que se moldava às necessidades sociais. A escola nasceria à serviço da sociedade e de interesses?

Hamilton (1992a) nos auxilia para esta reflexão. Relata que o 'controle social' não é considerado como algo positivo ou negativo no processo da escolarização, mas como natural em processos institucionalizados. Ele (HAMILTON, 1992a) buscou um conceito alternativo para compreender essa problemática, escolheu o termo 'eficiência social', pois compreende que professores e alunos exercem um grau de participação no dia a dia e alteram práticas pedagógicas, ou seja, a escola reflete as mudanças que surgem por meio das práticas aplicadas.

E como se pode compreender as relações entre escolarização e socialização? O mesmo autor (HAMILTON, 1992a) pesquisou as origens de escolarização e encontra na palavra escola um indicador, pois este vocábulo advém etimologicamente de uma raiz grega denota lazer ou jogo. Hamilton (1992a) ainda diferencia os termos: socialização, educação e escolarização. A socialização é entendida como a interação humana, a educação é um processo mais visível e concreto, marcada por influências e interesses religiosos. O Hamilton (1992a) identificou uma possível conexão entre a escolarização e regulação social, o que o ajudou a compreender a articulação com o capitalismo inicial e a escolarização. Por meio das mudanças sociais, a partir do início do capitalismo, surgiram necessidades diferentes e a escolarização precisou servir ao mercado de trabalho, diferente da forma como ocorria no feudalismo. A escolarização ganhou um novo papel histórico. Além de transmitir habilidades ocupacionais particulares e criar uma força de trabalho treinada para o mercado de trabalho, Hamilton (1992a) evidencia que a partir do século XX, a escolarização cumpria um papel mais intervencionista para os governos mais centralizadores.

O currículo traz desde a sua origem a historicidade, movimento e cultura. Implica na escolha de disciplinas, porém vai muito além dos conteúdos propostos, forma um campo de conflitos com indivíduos, identidades, espaços, relações, portanto possui uma função política e reguladora. Assim, o percurso trilhado pelo currículo foi construído mediante influências, históricas, culturais, políticas sociais, portanto é uma construção sócio histórica cultural em permanente transformação.

O desenvolvimento do currículo é influenciado pelos sujeitos que o compõe, bem como, pelo sistema educacional no qual está inserido. Até o início do século XX, a escola era eminentemente tradicionalista, dando ênfase à ação do professor e as matérias de ensino. Neste contexto, o ensino era centrado no professor e, conseqüentemente, no conteúdo por ele ministrado; o aluno era passivo, visto como receptor de informações descoladas da realidade. Havia um distanciamento afetivo na relação professor – aluno que provavelmente

refletiria na formação de identidade do estudante, uma vez que forma-se a identidade a partir de modelos importantes de identificação. A partir de movimentos sociais e culturais da década de 1960, surgiram novas teorizações que contestavam o pensamento e a estrutura educacional tradicional, vigentes até então e surgiram questões referentes às ideologias, reprodução cultural e social, poder, classe social, capitalismo, relações sociais de produção, conscientização, emancipação e libertação, currículo oculto, resistência contempladas pelas teorias denominadas Críticas³ (SILVA, 2004).

Na medida em que as teorias tradicionais eram consideradas teorias de aceitação, ajuste a adaptação, as teorias críticas são teorias de desconfiança, questionamento e transformação social. Segundo Silva (2004, p.30) para “[...] as teorias críticas o importante não é desenvolver técnicas de como fazer o currículo, mas desenvolver conceitos que nos permitam compreender o que o currículo faz”. Neste modelo, há uma alteração nos papéis educacionais e o aluno é o protagonista do processo de ensino, formado para o autocontrole e responsabilidade. A matéria é um meio para a consecução dos objetivos e o método utilizado é o experimental, visando a participação ativa do aluno, sua integração, o atendimento dos interesses e necessidades individuais.

A partir dos anos 70, sob a égide do regime militar, implantado no Brasil em 1964, surge o tecnicismo, inspirado na teoria behaviorista de aprendizagem e na abordagem sistêmica do ensino, que tinha como mote, o modelo empresarial aplicado à escola. Este modelo acabou sendo imposto no Brasil, por ser compatível com a orientação econômica, política e ideológica do regime militar, então vigente.

Neste modelo, a desvinculação entre teoria e prática é mais acentuada. O professor torna-se mero executor de objetivos instrucionais, de estratégias de ensino e de avaliação. Acentua-se o formalismo didático por meio dos planos elaborados segundo normas pré-fixadas; o aluno deverá ser eficiente (produtivo) e saber lidar ‘de forma científica’ com os problemas da realidade, em consonância com os objetivos propostos, dando ênfase na produtividade. Há um evidente processo de fragmentação no processo educacional que vai sendo refletido no sujeito que ensina e aprende.

Por volta dos anos 80, as tendências de cunho progressista interessada em propostas pedagógicas voltadas para os interesses da maioria da população, foram adquirindo maior solidez e sistematização. Dentre essas tendências, destacam-se a Pedagogia Libertadora⁴ e a Pedagogia Crítico-Social de Conteúdos⁵.

A Pedagogia Libertadora retomou a proposta da educação popular dos anos 60, direcionando seus princípios e práticas em função das possibilidades do

³ Essas teorias basearam-se nas concepções marxistas, concebendo que a educação é um instrumento de reprodução e legitimação das desigualdades sociais, atrelado à sociedade capitalista. Desempenha um papel crítico e libertador em favorecimento das massas populares.

⁴ Também denominada pedagogia da libertação, faz parte dos postulados centrais de Paulo Freire. O termo também associado à filosofia de Enrique Dussel. Segundo Dussel, o processo pedagógico passa pelo ser humano.

⁵ Também denominada de Pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos, foram desenvolvidas no Brasil por Dermeval Saviani, preocupada com a função transformadora da educação.

seu emprego na educação formal em escolas públicas. A Pedagogia Crítico-Social de Conteúdos constituiu-se como movimento pedagógico interessado na educação popular, na valorização da escola pública e do trabalho do professor, no ensino de qualidade para o povo e, especialmente, na acentuação da importância do domínio sólido, por parte de professores e alunos, dos conteúdos científicos do ensino como condição de participação efetiva do povo nas lutas sociais. Assim, em consonância com este momento histórico, as Teorias Pós-Críticas surgem com a proposta de ampliar as discussões acerca dos conceitos defendidos na teoria anterior - Teoria Crítica - numa dimensão questionadora, libertadora e emancipatória. A preocupação com as implicações entre saber, identidade e poder, as remetem para questões pertinentes à diversidade das formas culturais do mundo contemporâneo; das questões de gênero, raça, etnia e sexualidade; dos discursos; da subjetividade e, também, das relações de poder entre as diferentes nações que compõem a herança econômica, política e cultural.

Sacristán (1999, p. 44) corrobora com esta assertiva quando aponta que a ação do ensino não pode ser considerada como um mero recurso instrumental, uma técnica para conseguir metas abstratamente, porque essas metas não podem ser para qualquer fim e por que os meios para consegui-las operam em contextos incertos, sobre seres humanos que impõem critérios ao que se fala com eles [...].

Nesta perspectiva, teorias curriculares e tendências pedagógicas contemplam a formação global do homem, bem como, apontam e refletem novas necessidades educacionais.

A interdisciplinaridade vem ao encontro desta proposta, origina-se com a finalidade comum de desenvolvimento integral do indivíduo, ou seja, almeja contribuir para a formação de uma pessoa autônoma, responsável e crítica. A concepção brasileira é direcionada ao educador em sua pessoa e em seu agir: “o importante não é o conteúdo das disciplinas, mas sim o ato de educar, a educação como ação, uma ação que executa e espera”. (FAZENDA, 2003, p.40). A interdisciplinaridade surgiu em um cenário de fragmentação de saberes e foi desenvolvida para uma busca de resultados no cotidiano, com diferentes prevalências para questão praxiológica ou para o sujeito aprendiz.

3 GLOBALIZAÇÃO, IDENTIDADES E POSSÍVEIS CAMINHOS PARA O EDUCADOR NA CONTEMPORANEIDADE.

A partir dessas colocações introdutórias sobre a origem da história da educação e percurso do currículo, como podemos pensar as identidades a partir do processo de globalização na contemporaneidade?

Os autores Burbules e Torres (2004) apontam algumas questões nesta direção. Segundo estes autores (BURBULES e TORRES, p.13), as escolas agiram desde os primórdios sustentadas por estruturas políticas que “mantinham o controle da sociedade sobre o processo escolar, influenciando os estudantes

nas suas necessidades de identidade, cidadania e papéis de trabalho”. Como a globalização, sendo “real” ou ideológica afeta a educação?

A globalização da economia causou uma unificação do capital junto com a reestruturação neoliberal, ampliou a educação para viver, modifica os objetivos da educação, promovendo uma formação profissional, mercadológica, lidando com um mundo de relações internacionais extremamente competitivos. Mesmo que a globalização seja uma ideologia, mudanças estão ocorrendo no cenário, político, econômico, cultural que provocam profundas alterações no cenário público e privado, tornando a educação conflituosa, entre o modelo existente e os novos paradigmas emergentes.

Os autores Burbules e Torres (2004, p.23) questionaram:

De que maneira a educação deveria preparar os estudantes para lidarem com elementos de conflitos locais, regionais, nacionais, transnacionais à medida que culturas e tradições, cujas histórias de antagonismo podem ter sido mantidas parcialmente suspensas por Estados-nação fortes e poderosos, e desintegram, quando essas instituições perdem um pouco de sua força e legitimidade? Até que ponto a educação pode ajudar a construção do self e, em um nível mais geral a construção de identidades?

Como a educação poderia contribuir com os aprendizes para enfrentar estas questões? Conforme os mesmos autores, os educadores participam do cenário no processo de formação de identidades dos alunos, ajudando-os a se constituírem como sujeitos, o que inclui a dimensão do ser social e político nos seus processos de desenvolvimento. Os professores podem estimular os alunos a construir novos conhecimentos a partir de suas identidades culturais. Esse movimento seria facilitado se o educador tiver consciência sobre a intencionalidade e motivação interna sobre a escolha de determinado conteúdo, ou seja, é importante refletir sobre as mensagens transmitidas em sala de aula. Segundo Moreira e Silva (1994) o currículo existente, organizado e transmitido nas instituições educacionais, é um ‘palco’ político, com três pilares relevantes: ideologia, cultura e poder. Em relação à ideologia, o conhecimento transmutado em currículo escolar, segundo o autor, é importante ser investigado, uma vez que a ideologia está presente no processo de produzir identidades individuais e sociais no interior das instituições. No que diz respeito à cultura, o currículo não é veículo de algo a ser transmitido e passivamente absorvido, mas o currículo é um terreno de produção e de política cultural.

Neste sentido, o autoconhecimento do educador poderia contribuir para que possa ter a consciência do seu papel e da ideologia que está sendo transmitida no processo de ensino. Caso contrário, com a globalização, corre-se o risco de não se promover aprendizados que facilitem a construção de um sujeito autônomo integrado com a sua natureza e essência.

O educador interdisciplinar vem ao encontro deste papel integrador e transformador, possibilita que o aprendiz encontre o seu desenvolvimento genuíno, na medida em que respeita e honra a história de vida dos sujeitos envolvidos no processo de aprendizagem. Contempla a troca, no diálogo, o

pensar do outro, exige o exercício da subjetividade para a intersubjetividade (FAZENDA, 1995).

Por meio da metáfora do Cavalo de Tróia, que de acordo com a história narrada na obra 'Ilíada' de Homero, é um dos principais símbolos da famosa guerra de Tróia, usado como estratégia pelos gregos para derrotar os troianos⁶, Santomé (2013) contribui com o educador interdisciplinar, na medida que propõe um caminho transformador na educação. O autor aborda um projeto mais amplo de intervenção sociopolítica de construção para um mundo mais humano, justo e democrático. Acrescenta, que se na educação são abertas 'portas, é necessário conhecê-las e estas estão entrelaçadas com o que o autor chamou de 'revoluções de nossa época'. Revoluções que abarcam mudanças em todas as áreas: tecnológicas, comunicações, científicas, econômicas, política, ecológicas, estéticas, relações de trabalho, populações, sociais. Todas essas áreas afetam profundas transformações no currículo escolar, trazendo novas questões para a educação, bem como, refletem na formação de identidades⁷.

O 'Cavalo de Troia' poderia representar simbolicamente os aspectos obscuros, inconscientes, elementos 'surpresas' uma vez que a metáfora contempla ao mesmo tempo, aspectos obscuros, inconscientes, e recursos criativos que podem ser revelados neste 'campo de lutas'. O educador poderá ser despertado, já na sua formação, para uma prática interdisciplinar considerando interdisciplinaridade como "uma nova atitude diante da questão do conhecimento, da abertura à compreensão de aspectos ocultos do ato de aprender e dos aparentemente expressos, colocando-os em questão" (FAZENDA, 2002, p.11). Assim, durante a jornada do educador, a atitude interdisciplinar permeada pelo autoconhecimento, podem contribuir para que obstáculos sejam vencidos e soluções possam ser encontradas para os desafios na contemporaneidade.

Como foi exposto por Santomé (2013), a educação das emoções e valores, poderia contribuir neste sentido desde muito cedo. O mesmo autor aponta a necessidade de programas de formação para que os professores desenvolvam suas capacidades de empatia, compaixão, respeito e escuta frente aos estudantes, bem como, uma educação mais integrada, holística, que amplie a consciência das múltiplas interações e interdependências do conhecimento.

Assim, durante a jornada do educador, a atitude interdisciplinar permeada pelo autoconhecimento, que contempla a educação das emoções e valores, podem contribuir para que obstáculos sejam vencidos e soluções possam ser encontradas para os desafios da educação na contemporaneidade.

⁶ O Cavalo de Tróia era feito de madeira e totalmente oco por dentro. O guerreiro grego Odisseu teria tido a ideia de construir um gigantesco cavalo e presentear os troianos, como um gesto simbólico de rendição da guerra. Os troianos aceitaram o 'presente' e levaram o cavalo para o interior das muralhas de Tróia. Todos os soldados beberam e comemoraram a rendição do inimigo e, quando todos estavam dormindo, centenas de soldados gregos saíram de dentro do cavalo e atacaram a cidade. (<http://www.significados.com.br/cavalo-de-troia>).

⁷ Compreende-se este conceito a partir da concepção de Ciampa (1987) que afirma que a identidade se transforma, sendo uma questão social e política.

4 CONSIDERAÇÕES.

O currículo está relacionado com ações e transformação das relações de poder e deve ser compreendido por um processo contínuo de análise reformulação no processo educacional.

As teorias curriculares e tendências pedagógicas são influenciadas pela formação global do homem, bem como, apontam e refletem constantemente novas necessidades e identidades.

Caberia aos educadores na contemporaneidade ajudar os alunos a se reconhecerem nas suas histórias de vida para poderem 'vive-las' integralmente, com todo o seu potencial e 'humanidade'.

Ao educador poderia ser atribuído simbolicamente um papel de 'revolucionário' na Educação, construindo um grande 'Cavalo de Tróia' para a sua 'batalha'. Poderia ser colocado no 'cavalo' vários artefatos e recursos, procurando desenvolver um projeto em parceria com tantos educadores 'revolucionários' da paz, que desejam os melhores caminhos e estratégias para cada revolução que se apresenta em suas realidades. Seriam os 'guerreiros do bem', acima de tudo, munidos de esperança, amor e alegria para juntos se enfrentar melhor muitas batalhas ainda desconhecidas.

Nesse sentido, o educador interdisciplinar contemplaria esta proposta. Coloca-se como um revolucionário, constrói seus cavalos de Troia. Inova, cria e ousa. Pensar de forma interdisciplinar é exercitar o diálogo com outras formas de conhecimento, o que contribui para a valorização das experiências do cotidiano. Favorece a expansão do diálogo com o conhecimento científico, direciona para uma prática libertadora, para o enriquecimento da relação com o outro e com o mundo. Dessa forma, a interdisciplinaridade pode ser considerada um caminho curativo e revitalizador para um cenário de identidades, mas não de sujeitos.

REFERÊNCIAS.

BURBULES, Nicholas, TORRES, Carlos Alberto (org). **Globalização e educação: perspectivas crítica**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2004.

CIAMPA, Antonio da C. **A estória do Severino e a história da Severina**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade: História, Teoria e Pesquisa**. 2. ed. Campinas: SP: Papirus, 1995.

_____. **Dicionário em construção: interdisciplinaridade**, 2. ed. SP, São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Interdisciplinaridade: qual é o sentido?** São Paulo: Paulus, 2003.

HAMILTON, David. **Mudança Social e mudança pedagógica**: a trajetória de uma pesquisa histórica. In Teoria e Educação, v. 6, Porto Alegre: Pannonica, 1992a.

HAMILTON, David. Sobre as origens do termo classe e curriculum. **Teoria e Educação, v. 6**, Porto Alegre, Pannonica, 1992b.

MOREIRA, A. F.; SILVA, T. T. (Orgs.). **Currículo, cultura e sociedade**. São Paulo: Cortez, 1994.

SACRISTÁN, J. Gimeno. **Poderes instáveis em educação**. Trad. Beatriz Affonso. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

SANTOMÉ, Torres Jurjo. **Currículo escolar e Justiça social**: o cavalo de Tróia da Educação. Trad.: Alexandre Salvaterra. Porto Alegre: Penso, 2013.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 4. ed. Belo horizonte: Autêntica, 2004.